



Jeanne Marie Gagnebin*

Resenha: Nadine Werner. *Archäologie des Erinnerns. Sigmund Freud in Walter Benjamins "Berliner Kindheit"* [Arqueologia do lembrar. Sigmund Freud na "Infância em Berlim" de Walter Benjamin]. Wallstein Verlag, Göttingen, 2015.

Nadine Werner publica um denso volume de quase 400 páginas que é uma versão remanejada de sua tese de doutorado, em literatura alemã, na Universidade de Frankfurt, sob a orientação de Burkhardt Lindner. Lindner foi um dos maiores pesquisadores em "*Germanistik*" sobre Walter Benjamin. Entre outras obras, ele organizou o "manual" de referência, o *Benjamin-Handbuch* (Metzler Verlag, Stuttgart, 2006, hoje já na 2. edição), uma obra imprescindível para os estudiosos do autor. Lindner morreu subitamente de um infarto em janeiro de 2015. Sua presença é forte no livro de Nadine Werner que participava, durante o doutorado, do projeto de pesquisa liderado por ele, na *Deutsche Forschungsgesellschaft*, projeto intitulado *Benjamins Transformationen der Psychoanalyse (Transformações da psicanálise em Walter Benjamin)*. Atualmente, Nadine Werner trabalha no Arquivo Walter Benjamin em Berlim. Em particular, ela prepara a edição crítica da *Berliner Chronik*¹ e da *Berliner Kindheit* (*Crônica berlinense* e *Infância em Berlim*), a partir de manuscritos inéditos e de uma releitura crítica dos textos já publicados, um conjunto que deverá sair como volume 11 da nova edição crítica de Benjamin (provavelmente em 2018), hoje enfim possível, já que todos os manuscritos foram reunidos e são decifrados no arquivo berlinense.

Um dos trunfos desse livro, muito erudito, consiste, aliás, numa análise minuciosa de alguns desses textos ou dessas variantes de textos, que são editados em *fac-símile* e transcritos no fim do volume. Outro trunfo é o conhecimento abrangente e detalhado da obra de Freud, em particular dos textos lidos por Benjamin,

* Professora Departamento de Filosofia da PUC-SP.

¹ Infelizmente, não existe tradução desse primeiro texto em português.

aos quais este alude ou pelo próprio título ou pelos conceitos empregados. Werner estabelece uma lista que mostra o quanto Benjamin se interessou por Freud, em particular, segundo ela, pela **teoria da memória** de Freud. Benjamin cita explicitamente a função essencial da teoria do trauma e da memória em *Além do princípio de prazer* nos seus textos sobre Baudelaire (notadamente “Sobre alguns motivos em Baudelaire”). Ademais, alude várias vezes à *Interpretação do sonho* no Trabalho das *Passagens* e no ensaio sobre Eduard Fuchs. Menciona a *Psicopatologia da vida cotidiana* na 5. versão do ensaio sobre “A obra de arte na época de sua reproduzibilidade técnica”², enfim, evoca o “caso Schreber” numa pequena resenha intitulada “Livros de doentes mentais” (“*Bücher von Geisteskranken*”³). E fala de sua admiração por Freud em inúmeras cartas a Scholem ou a Gretel Adorno.

O propósito do livro é claro: trata-se de “uma pesquisa sistemática das posições teóricas sobre o lembrar em Benjamin que remetem a Freud”, e isso em particular na *Infância em Berlim*. O leitor não encontrará, portanto, reflexões de Benjamin a partir da teoria do desejo, do sonho ou mesmo da infância em Freud, mas uma “comparação” cerrada entre as teorias da memória (“*Gedächtnis*”) e da lembrança ou do lembrar (“*Erinnerung*”) em ambos os autores. Nadine Werner nota que a pesquisa benjaminiana tratou muito mais dos paralelos entre Proust e Benjamin, no que diz respeito à memória, e negligenciou aqueles, segundo ela essenciais, entre Freud e Benjamin. Isso talvez explique uma certa má vontade sua em relação à importância de Proust para a leitura de Benjamin, em detrimento de Freud. O livro é dividido em duas grandes partes: a primeira, intitulada *Gedächtnistheorie* (“Teoria da Memória”) comporta três capítulos, sobre os pontos de partida em Freud e Benjamin em suas teorias da memória e do lembrar, sobre as fontes de Benjamin em Freud e em Proust e sobre os “rastros” de Freud na *Crônica berlinense* e na *Infância em Berlim*. A segunda parte, intitulada *Archäologie* (“Arqueologia”) tem dois capítulos, sobre a temática da arqueologia em Freud e em Benjamin como metáfora e como método e sobre aquilo que Nadine Werner chama de *Benjamins archäologische Schreibpraxis* (prática arqueológica de escrita em Benjamin) que consiste numa bela análise genética de alguns textos da *Infância em Berlim*.

A principal hipótese de Werner consiste em mostrar como Benjamin retoma, mesmo que a transforma, a concepção “paradoxal”, ou o *Zwiespalt* (cisão, divisão em dois, o termo é mais forte em alemão do que em português!), presente em Freud, entre uma teoria da memória como *Speicher* (depósito, lugar de armazenamento) e do lembrar ou da recordação como *Konstruktion* (construção). Ou ainda: entre

² Nadine Werner (*op.cit.* p. 85) cita uma quinta versão desse ensaio, publicada na nova edição crítica de Walter Benjamin, *Werke und Nachlass*, edição aos cuidados do Arquivo de Berlim, Vol. 16, p. 238.

³ *Gesammelte Schriften*, IV, p. 616.

guardar, conservar e construir. Tal dicotomia se encontra condensada na metáfora da escrita que ao mesmo tempo conserva e (re)constrói, dinâmica que encontra seu modelo, de maneira privilegiada, na imagem do “bloco mágico” ou “lousa mágica” em Freud⁴, uma imagem que explicaria como nada do passado é eliminado a nível do inconsciente, enquanto a consciência tem uma atividade construtora, mas restrita. Podemos observar aqui que esse caráter paradoxal da memória não é inaugurado por Freud, como o texto de Werner deixa, às vezes, pressupor, mas é o modelo fundamental (metáfora da escrita e da inscrição incluída!) da reflexão filosófica sobre a memória, desde Platão e Aristóteles, passando por Santo Agostinho no livro X das *Confissões* e chegando a Bergson e Heidegger. Em palavras gregas, trata-se do paradoxo entre o armazenamento das *mnèmai*, sem a intervenção da consciência, na memória do sujeito e a atividade consciente do lembrar, a *anamnèsis*, que procura algo na memória e tenta reconstruir uma sequência. O que caracteriza Freud (e Proust!) não seria tanto esse paradoxo do passivo (inscrição das imagens) e do ativo (relembrar consciente), mas muito mais, me parece, a importância nova dada por eles ao território caótico, porque foge do controle consciente, das imagens guardadas, à revelia da vontade do sujeito, no *inconsciente* diz Freud. Em Proust, na *memória involuntária*, despertada por uma sensação, não pela inteligência.

Para Freud como para Benjamin, escreve Werner, é justamente o fato que tais imagens se encontram aquém da consciência, que garante sua duração e pregnância. Benjamin retomaria também de Freud a reflexão sobre as lembranças encobridoras e sobre o fenômeno do “a posteriori” (*Nachträglichkeit*), como, por exemplo, no belo texto da *Infância em Berlim* intitulado “Notícia de uma morte”. E o famoso “corcundinha” que fecha a *Infância em Berlim* encarnaria, de maneira simultaneamente lúdica, popular e ameaçadora essa presença-ausência do inconsciente e do esquecido – esquecido pela consciência ou pela inteligência, mas que, por isso mesmo, acompanha fielmente, quase o persegue, o sujeito que se lembra de sua vida.

A importância dessas imagens também se diz, segundo Nadine Werner, na transformação da *Crônica berlinense* (primeiro esboço dessa pseudo-autobiografia) no texto da *Infância em Berlim* (texto, aliás, que existe em diversas versões manuscritas). Enquanto na *Crônica berlinense*, o texto flui de maneira contínua, organizado, no entanto, não por uma ordem cronológica linear, mas por uma topografia do lembrar, a *Infância em Berlim* “radicaliza o princípio, já tematizado no contexto da *Crônica*, do não linear e do não cronológico através da forma da imagem de pensamento (*Denkbild*)”⁵. Agora, se as imagens esquecidas, soterradas, são para Benjamin como

⁴ FREUD, Sigmund. “Notiz über den ‘Wunderblock’”, *Studienausgabe*, Vol III. Org. por A. Mitscherlich, A. Richards e J. Strachey. Frankfurt/Main, 2000, pp. 365-369.

⁵ WERNER, Nadine, *op. cit.* p. 159.

para Freud guardadas nos “vastos palácios da memória” como as teria chamado Santo Agostinho, palácios ou territórios inconscientes, formações afundadas que, de vez em quando, emergem à superfície como um navio naufragado, diria Proust⁶, há, porém, uma diferença importante entre Freud e Benjamin que Werner assinala já na primeira parte e que voltará na segunda. A saber, que se para Freud a prática analítica tem por alvo tornar esses conteúdos inconscientes do passado novamente **acessíveis enquanto tais** à consciência do sujeito (que poderia, assim, ser “curado” de suas neuroses), Benjamin insistiria muito mais sobre a “*Unwiederbringlichkeit des Vergangenen*”⁷, isto é, a impossibilidade de trazer novamente o passado tal qual à luz do presente. Aliás, é justamente neste espaço de impossibilidade da presença que se aloja o sentimento da *Sehnsucht*/Saudade (ambas as palavras são intraduzíveis!), pois ele se alimenta da distância.

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido.

Escreve Benjamin num belo *Denkbild* da *Infância em Berlim*, o “jogo das letras”, um jogo com letras de madeira que a criança manipula para aprender a ler e escrever. E o adulto Benjamin conclui:

A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo.

Ora, esse espaço da saudade também é, ao mesmo tempo, o espaço que permite o distanciamento crítico, tão fundamental na filosofia da transmissão e da história de Benjamin: seja ela a história da “própria” vida ou a história dita coletiva. Essa dimensão crítica se torna clara na segunda parte do livro de Nadine Werner, com o título de “arqueologia”. A autora pesquisa nessa parte a significação da “metáfora da arqueologia” em Freud e em Benjamin e a lê como “um indício, que Freud e Benjamin

⁶ Devo dizer que não concordo com o pressuposto de Werner que Freud seria muito mais importante que Proust para a teoria da memória em Benjamin. Esse pressuposto me parece nascer de uma leitura enviesada da obra proustiana, leitura que contrasta com o habitual cuidado interpretativo da autora. Essa discussão nos levaria além dos limites de uma simples resenha!

⁷ WERNER, *op. cit.*, p. 45.

se encontram, em suas reflexões teóricas sobre o lembrar, num ponto de virada histórico-intelectual”⁸. Nadine Werner insiste no fascínio que Freud sente em relação a essa nova disciplina que é a arqueologia. Seja por sua admiração por Schliemann (o arqueólogo alemão que foi buscar os restos, as ruínas da cidade de Troia na Ásia Menor, tentando encontrar os rastros do incêndio da cidade pelos Aqueus nas camadas geológicas do sítio hipotético que descreve a *Ilíada*); seja por sua coleção de antiguidades, vasos, pequenas estatuetas, retratos, pedaços preciosos de cerâmica antiga que ornavam seu consultório. Freud menciona várias vezes seu entusiasmo pela antiguidade, em particular nos seus relatos de viagem a Roma e encontra na atividade do arqueólogo uma metáfora importante para descrever a atividade do analista. Em seus *Estudos sobre Histeria* (1895) como também no pequeno texto *Construção na análise* (1937), portanto, em textos de épocas bastante diferentes, Freud descreve o método psicanalítico como uma “escavação” (*Ausgrabung*), análoga às escavações da arqueologia, mas, no caso do analista, uma escavação nas camadas do passado:

Seu [do psicanalista] trabalho de construção ou, caso se prefira entender assim, de reconstrução, apresenta uma ampla afinidade com o trabalho do arqueólogo que desenterra uma cidade destruída e soterrada ou um edifício do passado.⁹

No seu belo verbete sobre “*Erinnern/Lembrar*”, Detlev Schöttker¹⁰ já havia chamado a atenção para essas passagens de Freud e a proximidade em textos de Benjamin, até no próprio vocabulário. Agora, o que também importa, são as diferenças entre Freud e Benjamin no uso da metáfora arqueológica. Afora o fato de Benjamin não demonstrar nenhum fascínio pelo passado antigo, nem evocar com entusiasmo suas viagens a uma cidade como Roma (parece preferir Nápoles ou São Geminiano!), o uso que fazem ambos os autores dos destroços do passado, soterrados e agora descobertos, não é o mesmo. Como Werner assinala, esses restos se tornam para Freud parte do “material patogênico” e podem ajudar a reconstituir uma formação psíquica inteira, fonte da doença ou dos sintomas. Assim, quando emergem do passado e do inconsciente, esses restos devem ser levados à consciência para ser analisados e destruídos como fonte do sofrimento do paciente. “Assim importa ao analista Freud ,

⁸ WERNER, *op. cit.*, p. 227.

⁹ FREUD, S., *Konstruktion in der Analyse, Studienausgabe*, vol. Complementar, pp. 396/7, trad. JM Gagnebin.

¹⁰ SCHÖTTKER, Detlev, verbete “*Erinnern*” in *Benjamins Begriffe*, vol. I, Suhrkamp, 2000.

num sentido figurado, a destruição daquilo que o colecionador Freud conserva”, observa Werner.¹¹

Como para Benjamin, os destroços sempre continuam incompletos, não permitem uma reconstrução do passado como foi (a já discutida *Unwiederbringlichkeit des Vergangenen*), mas somente aludem a algo que foi destruído e que poderia ser o sinal de outro futuro. É a bela imagem do passado como uma estátua da qual só resta um torso, “um bloco precioso a partir do qual ele [o sujeito] tem que esculpir a imagem do seu futuro.”¹² Se os restos do passado são muito mais sinais de um futuro possível que não se realizou, cabe ao presente recolhê-los e, em ligação com o material esparsa do presente, construir uma nova história. Essa ênfase no momento presente (o ‘tempo do agora’, a *Jetztzeit* das “Teses”) como momento da construção marca a apropriação da metáfora arqueológica em Benjamin, observa Nadine Werner: “Diferentemente de Freud, ele [Benjamin] trabalha a metáfora da arqueologia com o foco no momento construtivo.”¹³ Assim faz Benjamin quando compara seu trabalho àquele de um arqueólogo, na “imagem de pensamento” “Escavar e lembrar”¹⁴, uma imagem que também se encontra, com poucas modificações, na *Crônica berlinense*¹⁵.

Apesar dessas diferenças, Nadine Werner afirma que o modelo arqueológico chega a Benjamin via Freud¹⁶ e manifestaria, mais uma vez, o distanciamento de Benjamin em relação a Proust, graças à sua aproximação cada vez maior do modelo freudiano. Que me seja permitido discordar. Diria muito mais, seguindo o historiador Carlo Ginzburg, que no fim do século XIX emerge um “paradigma” novo, que tenta analisar e interpretar os restos, os resíduos, os detalhes esquecidos como os indícios de uma verdade ainda não revelada¹⁷ ou, simplesmente, não observada. Com humor, Ginzburg mostra a importância desse paradigma na história da arte, na psicanálise nascente e no romance de detetive, todos sendo formações novas que vão mudar os procedimentos das ciências humanas. O uso do modelo arqueológico em Freud poderia muito bem ser considerado como uma extensão ou uma derivação desse novo paradigma. Trata-se sempre de prestar atenção a “resíduos, dados marginais, considerados reveladores”¹⁸, isto é, de prestar atenção àquilo que até agora fora depreciado. Em termos de reflexão sobre a memória e sobre o lembrar, que é aquilo

¹¹ WERNER, Nadine, *op. cit.*, p. 236.

¹² BENJAMIN, Walter. Fragmento “Torso”, in *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 41/42.

¹³ WERNER, Nadine, *op. cit.*, p. 278.

¹⁴ José Carlos Martins Barbosa traduz “Escavando e lembrando” (*Obras escolhidas II*, Brasiliense, 1987, pp. 239/240), o que me parece pouco exato.

¹⁵ *Gesammelte Schriften*, vol. VI, pp. 486/487.

¹⁶ WERNER, Nadine, *op. cit.*, p. 243.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, in *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Nadine Werner não parece conhecer esse texto.

¹⁸ GINZBURG, *op. cit.*, p. 149.

que mais nos interessa aqui, assistimos a uma nova revalorização das imagens psíquicas, mesmo as mais 'absurdas', até agora negligenciadas em proveito da atividade mais 'nobre' do lembrar consciente. Na esteira de Nietzsche e Bergson, Freud, Proust e Benjamin poderiam ser citados como parceiros dessa mesma busca por essas imagens soterradas. Busca terapêutica em Freud, estética em Proust e, em Benjamin, certamente mais política. Mas busca comum por uma nova apreensão da memória e das relações vivas entre o presente e o passado.